

# AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO E A AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Gabriela Oliveira-Codinhoto<sup>1</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar escolhas das estratégias de relativização utilizadas por crianças em fase de aquisição da escrita em textos produzidos em contexto formal, de modo a estabelecer quais estratégias são mais utilizadas e qual a relação existente entre a escolha da estratégia de relativização e a função sintática desempenhada pelo item relativizado, seguindo a Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977). Para a análise, utilizamos dados de 14 alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental de duas escolas de São José do Rio Preto, pertencentes ao cópulo de textos escritos do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem*, coletados por Capristano (2004). (Apoio: FAPESP-Processo 2013/00065-5)

**Palavras-chave:** Estratégias de relativização, Hierarquia de Acessibilidade, Aquisição da Escrita.

## Abstract

This paper aims to analyze the choices of the strategies of relativization used by children in the process of writing acquisition in texts produced in formal settings, in order to establish which strategies are most used and what the relationship between the choice of the strategy of relativization and the syntactic function performed by the relativized item, following the *Keenan and Comrie's (1977) Accessibility Hierarchy*. In order to carry out this research, it is used data collected from texts written by 14 students from the first grade of two elementary public schools in São José do Rio Preto-SP.

**Key words:** Strategies of Relativization, Accessibility, Acquisition of Writing.

## Palavras Iniciais

Este trabalho tem como objetivo analisar as escolhas das estratégias de relativização utilizadas por crianças em fase de aquisição da escrita em textos produzidos em contexto formal, de modo a estabelecer quais estratégias são mais utilizadas e qual a relação existente entre a escolha da estratégia de relativização e a facilidade de processamento cognitivo da oração relativa (OR), evidenciada pela Hierarquia de Acessibilidade (HA) de Keenan e Comrie (1977).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos – UNESP São José do Rio Preto (Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho).

A Hierarquia de Acessibilidade de Keenan e Comrie (1977), formulada a partir da análise de aproximadamente 50 línguas, fornece subsídios relevantes, segundo Dik (1997) e Cristofaro (2003), para enfoques de processamento cognitivo de produção e de recepção, uma vez que a HA, contida em (01), postula que quanto mais alta a função na hierarquia, tanto mais fácil o processamento cognitivo da relativa e, por isso, tanto mais acessível à relativização é a categoria gramatical envolvida. Desse modo, quanto mais à esquerda a OR, mais facilmente o falante é capaz de recuperar o referente e a função sintática do SN relativizado.

1. Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação  
(KEENAN; COMRIE, 1977)

Para a construção de ORs, o português brasileiro (PB) dispõe de três estratégias principais, aplicáveis a todos os graus de tal hierarquia: *pronome relativo*, *lacuna* e *retenção de pronome*, e uma estratégia aplicada apenas às relativas com preposições lexicais (presente, portanto, nos graus mais baixos da HA), a estratégia do *encaimento de preposições*. Apenas a estratégia de lacuna nas funções de Sujeito e Objeto Direto e a estratégia de pronome relativo nas demais funções são tomadas como padrão para a norma culta do português. Levando em consideração que as funções mais baixas da hierarquia são menos acessíveis à relativização e que as estratégias não padrão de relativização são mais frequentes na língua falada, é relevante para este trabalho responder se as estratégias não padrão de *lacuna* e de *retenção pronominal* persistem nas primeiras fases de aquisição de escrita como estratégias das posições mais baixas, considerando que essas construções já tenham sido adquiridas oralmente.

Para a análise proposta neste trabalho, utilizamos como cópula dados de 14 alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental de duas escolas de São José do Rio Preto, pertencentes ao banco de dados de textos escritos do Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem*, coletados por Capristano (2004).

Este texto se encontra assim organizado: na primeira parte, discorreremos sobre as bases teóricas deste trabalho: as estratégias de relativização. Na segunda parte, detalhamos o universo de investigação e descrevemos os procedimentos metodológicos. Passamos, na

terceira parte, para a análise dos dados. Por fim, fazemos algumas considerações sobre o discutido pelo texto.

### **As estratégias de relativização do PB**

Sabendo que as línguas diferem no modo como representam o papel do núcleo nominal na OR, Keenan (1985), Comrie (1989) e Givón (1990) propõem estratégias de formação de ORs, basicamente fundadas na recuperação de caso. O trabalho pioneiro de Tarallo (1983) aponta três estratégias principais para o português: a *cortadora*, a *copiadora* e a *padrão*. Na terminologia Keenan (1985), Comrie (1989) e Givón (1990), tais estratégias correspondem, respectivamente, às estratégias de *lacuna*, de *retenção pronominal* e de *pronomine relativo*.

A estratégia de lacuna (*gapping strategy*) se caracteriza por não fornecer, na relativa, informação sobre a natureza da posição do elemento relativizado. No português vernacular, segundo Camacho (inédito), de conformidade com Tarallo (1983), o elemento que introduz a relativa é uma conjunção, ou seja, um marcador de relativização, e não um pronome relativo típico, pois não carrega consigo traços do elemento relativizado, atuando, assim, como um conector de orações. Essa estratégia aparece, no português, na relativização das funções de Sujeito e Objeto Direto, como pode ser observado em (2a-b):

- 2 a. S  
fiquei ali durante... todo o tempo que pude, a assistir àquele espetáculo de **água que caía**, depois acabei por apanhar sono, e eu estava um pouco deslocado, eh, em relação à porta.
- b. OD  
hoje, acho que se, **muitas coisas que eu fiz**, talvez não fizesse, se voltasse ao ensino. (CAMACHO, 2014, p. 186)

Nos dois exemplos, não há nenhuma informação quanto à natureza da função sintática exercida pelos núcleos **água** e **coisas** e ambas as ocorrências aparecem codificadas com *que*, o que o identifica como conjunção ou marcador de relativização (DIK, 1997).

Outra possibilidade de realização da estratégia de lacuna pode ser vista em (3):

3. OBL  
e transferi-los para uma zona ecológica **que eles não estão habituados**. (CAMACHO, 2012, p.62)

Esse caso mantém vazia a posição do elemento relativizado na OR, uma vez que elimina a preposição regida pelo verbo e utiliza uma conjunção para marcar a relativização. Assim, não há elemento anafórico, na relativa, que estabeleça relação correferencial na matriz com o antecedente. Essa variante da estratégia de lacuna é chamada, por Tarallo (1983), de *cortadora*.

Camacho (inédito) destaca um uso inovador da relativa de lacuna. Observe (4):

4. OBL – Tempo  
então, acho que desde **o momento que ela fez isso**, não tomou assim nem uma, assim, não teve consideração nenhuma comigo (CAMACHO, 2014, p. 192)

A função sintática de Oblíquo, frequentemente relativizada pela estratégia de lacuna no PB, inclui complementos verbais preposicionados e circunstanciais em geral, como lugar, tempo, razão, instrumento, entre outros. Camacho (inédito) sustenta que essa a relativa, cujos núcleos devem ser interpretados como propriedades lexicais (HENGEVELD e MACKENZIE, 2008), atua como o argumento desses nomes, não como verdadeiros modificadores. Prova disso é que a tais nomes podem ser atribuídos argumentos de natureza distinta, como *hora de lazer* ou *lugar de descanso*. Sobre o uso específico de *((n)a hora que*, Longhin-Thomazi (2011) considera que na construção há um juntor perifrástico em processo de gramaticalização. Segundo a autora, essa construção está perdendo suas características originais, tanto formais quanto funcionais, e está proporcionando leituras polissêmicas, como o caso de (5), que autoriza leituras de tempo, causa e condição.

5. **anta hora que ela tem filotinho** a costuma fica tres amno.  
(AGS, 1<sup>a</sup>, 7<sup>2</sup>)

---

<sup>2</sup> A identificação dos dados do corpú de escrita utilizados neste trabalho é realizada por meio das iniciais dos nomes dos alunos que produziram as ocorrências, seguidos da identificação da série, em números ordinais, e do número da proposta dos textos em que o dado se encontra, em números cardinais.

A estratégia de *retenção pronominal*, chamada de *copiadora* por Tarallo (1983), se caracteriza pela presença de um pronome-lembrete na OR, que é correferente ao núcleo nominal da oração matriz. Em outras palavras, emprega-se, na OR, um pronome – pessoal, no caso do português – que recupera anaforicamente o item relativizado da oração principal, estabelecendo, portanto, a relação de correferência com o antecedente, função não exercida pelo item conector *que*, também aqui atuando como complementizador ou marcador de relativização. Veja o caso de (6):

6. OBL

peixe que ficou hoje ***que o pescador luta com ele***, mesmo que for um dia, dois, três dias é coiso, é agulha-sombra (CAMACHO, 2014, p. 187)

Nesse exemplo, a relativa aparece codificada pelo marcador de relativização *que*. A relativa conta, ainda, com a preposição *com* e com o pronome pessoal *ele*, que aparecem nas posições finais da oração subordinada. Como podemos observar, a tarefa de recuperação de caso é realizada justamente pela inserção do pronome-lembrete em conjunto com a preposição, não pelo próprio relativizador *que*. Podemos afirmar, então, em consonância com Camacho (inédito), que o emprego do pronome relativo ficaria restrito à estratégia *padrão*, nos casos em que há relativização de itens preposicionados, ou seja, em graus mais baixos da HA.

A estratégia de pronome relativo (ou *pied-piping*) é chamada de *padrão* por Tarallo (1983), por ser a única empregada pelo português brasileiro a se encaixar nos moldes prescritivos da Gramática Normativa. Ela é a única a envolver de fato o uso de pronomes especiais, que, no português e nas línguas em geral, são formalmente relacionados a expressões demonstrativas e/ou pronomes indefinidos/interrogativos, usados para representar o papel do núcleo nominal na construção relativa.

Segundo Givón (1990), há uma forte tendência para os conectivos, sejam eles pronomes relativos ou complementizadores, não aparecerem na posição relativizada, mas na fronteira entre a oração principal e a relativa, embora essa generalização tenha exceções. No caso do português, tanto os pronomes relativos quanto os complementizadores aparecem na fronteira entre as duas orações e ocupam a primeira posição da OR, desde que não venham acompanhados de preposição, como ilustra o exemplo (7):

7. Já escrevi **fan fics de livros de que gosto**, e queria ser escritor de ficção.  
(internet<sup>3</sup>)

Em (7), temos um verdadeiro pronome relativo, uma vez que poderia, por um lado, ser substituído por *dos quais* e, por outro, porque tem sua função sintática de oblíquo codificada pela preposição *de*. Esse tipo de relativa é também chamado na literatura de “pied-piping”<sup>4</sup>. A estratégia do pronome relativo é mais frequente no uso escrito formal, como o caso de (7), retirada de um site da revista *Guia do estudante*. Camacho (inédito) observa que as construções de lacuna, quando aplicadas ao sujeito e ao objeto direto sem pronome-lembrado, e as de pronome relativo, aplicadas às posições mais baixas, são comumente identificadas como alternantes padrão.

Há ainda um quarto tipo de relativa no português, restrita às construções com preposições consideradas lexicais: a estratégia do encaimento de preposições. Segundo Camacho (inédito), entende-se encaimento de preposições por um fenômeno sintático em que a preposição regente ocorre em outra posição que não seja adjacente ao núcleo regido. Observe (8):

8. Essa é a mesa **que todo mundo bota o chapéu em cima** (dela).  
(PERINI, 2010, *apud* Camacho, inédito)

Essa estratégia, muito comum no inglês, que permite a ocorrência com quaisquer tipos de preposições, tem baixa frequência no português. Camacho (inédito), ao analisar as relativas em variedades lusófonas, chega à conclusão de que a mais recorrente é a estratégia de lacuna, mesmo para as funções mais baixas. Esse resultado vai ao encontro do postulado por Tarallo (1983), em estudo sociolinguístico. O autor se concentra mais nas estratégias copiadora e cortadora, consideradas, respectivamente, estigmatizada e neutra, já que a estratégia padrão ou de prestígio, especialmente a usada em posições preposicionadas, tem uma incidência muito baixa na língua falada.

---

<sup>3</sup> Retirado de <http://guiadoestudante.abril.com.br/orientacao-vocacional/consulte-orientador/minha-mente-verdadeira-bagunca-criativa-carreira-devo-seguir-702446.shtml> acesso em 28 mar. 2014.

<sup>4</sup> O termo “pied-piping” se refere a uma leitura metafórica à obra *O flautista de Hamelin*, do escritor britânico Robert Browning, proposta por Ross (1967), para representar a construção padrão que relativiza SPs, por ele denominada *prepositional pied-piping*. Nessa interpretação, um sintagma determinante (DP) é representado pelo flautista, e a preposição (P), é representada pelo rato, já que, na interpretação gerativa, tanto P segue DP no Movimento sintático em relativas, quanto P, a palavra-Q em interrogativas.

De acordo com Tarallo (1983), a variante copiadora ou de retenção pronominal é mais antiga e sua queda no uso indica que, atualmente, ela exerce um papel secundário como uma das motivações que movem a competição entre as alternativas disponíveis. A partir disso, Tarallo (1983) faz importantes considerações para explicar o mecanismo de relativização e o processo de mudança, que não cabe especificar aqui.

Camacho (inédito) destaca que a utilização da estratégia de lacuna representa, a princípio, uma incoerência. Ao se voltar às relações de alinhamento, Camacho (inédito) destaca as relações de transparência e opacidade na seleção das estratégias de relativização. Segundo o autor, as relações de transparência e opacidade se definem com base nos princípios de Iconidade e Integridade de Domínio que, por sua vez, definem o modo como as distinções de ordem Interpessoal e Representacional (pragmáticas e semânticas, respectivamente), se projetam nos níveis de codificação, Morfossintático e Fonológico, seguindo a teoria da Gramática Discursivo-Funcional. Para que haja transparência, e, portanto, maior facilidade de interpretação da estrutura linguística, é necessário que haja paralelismo entre as motivações dos níveis mais altos em relação aos mais baixos, ou seja, uma relação biunívoca entre forma e função. Seria um grau máximo de transparência o essencial para que a máxima eficiência fosse atingida na situação de comunicação. No entanto, não é esse o padrão geral, uma vez que a maioria das línguas exibe padrões de opacidade. Segundo Camacho (inédito, página 26),

Isso ocorre porque, apesar dessas motivações, os níveis formais – o morfossintático e principalmente o fonológico – dispõem de seus próprios princípios de organização; quando, por exemplo, a uma língua se impuser um padrão de ordenação arbitrário não funcionalmente ativado, ocorre o predomínio da motivação formal.

No caso das estratégias de relativização, o uso da estratégia padrão e da estratégia de retenção pronominal maximiza, em graus diferentes, a relação de transparência entre forma e conteúdo, contribuindo para facilitar a interpretação da estrutura da língua na codificação morfossintática. Assim, era de se esperar que as posições mais baixas na hierarquia fossem relativizadas pela estratégia mais transparente, uma vez que a transparência é mais fácil cognitivamente.

A estratégia de pronome relativo em posições preposicionadas é menos frequente na fala das variedades lusófonas, segundo Camacho (inédito), por codificar o argumento do

predicado na oração relativa duas posições à esquerda na ordenação dos constituintes, em posição diferente da habitual, como em (9). A estratégia de retenção de pronome, por sua vez, manteria a ordem típica SVO, como (10).

9. A roupa de que eu gostava.

de que	eu	gostava
P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>
Obl	S	V

10. A roupa que eu gostava dela.

que	eu	gostava	dela
P <sup>I</sup>	P <sup>I+1</sup>	P <sup>M</sup>	P <sup>M+1</sup>
	S	V	Obl

A estratégia de retenção pronominal tem menor custo de processamento cognitivo por manter uma relação mais estreita entre forma e conteúdo; os constituintes aparecem em sua posição canônica SVO, preferencial do português, de acordo com o princípio de Integridade de domínio.

Desse modo, é de se esperar que as relativas em funções mais baixas apareçam sob a forma de retenção pronominal, uma vez que ela é a que maximiza o grau de transparência tanto no polo da produção quanto no polo da recepção.

Em contraste com a Iconicidade, outro princípio parece atuar na escolha das estratégias de relativização: o de Economia. O princípio da Economia, que pode ser sintagmática ou paradigmática, representa uma pressão para o mínimo esforço e para a simplificação máxima (CAMACHO, inédito, p. 30). No caso das relativas de lacuna, o princípio da Economia compete com o princípio da Iconicidade, sendo aliado a uma motivação de outra ordem: o estigma social da estratégia de retenção de pronome. De fato, na análise das variedades lusófonas, Camacho (inédito) aponta para a preferência da estratégia de lacuna pelos falantes de português.

Ao considerar essa baixa frequência de construções padrão ou *pied-piping* nas posições preposicionadas da língua falada, Kenedy (2007), a partir de um ponto de vista gerativo, postula um princípio de antinaturalidade da Gramática Universal que se aplica, mais especificamente, à variedade brasileira e à variedade europeia. Para o autor, há quatro estratégias de relativização possíveis: as resumptivas, as cortadoras, as *pied-piping* e as

*prepositional-stranding*. O português dispõe das três primeiras estratégias, e a última não seria produtiva, embora possível, como podemos observar na discussão anterior.

De acordo com Kenedy (2007), encontramos na descrição do mesmo fenômeno em uma mesma língua – no caso, a construção relativa –, diferentes estratégias derivacionais que se alternam, e uma delas, a *pied-piping*, é computacionalmente mais custosa, e é essa característica que motiva seu caráter antinatural: na versão minimalista da gramática gerativa, o Sistema Computacional da Linguagem Humana (C<sub>HL</sub>) prefere, sempre que possível, empregar construções menos complexas, que envolvem menor quantidade de operações. Kenedy (2007) afirma que, por ter processamento mais complexo, a variante *pied-piping* não faz parte da competência linguística natural e só é adquirida por meio de processos formais de aquisição de escrita/letramento.

Esse aspecto da aquisição, já havia sido levantado por Dik (1997) e, aqui no Brasil, por Kato (1981), com base, todavia, na relação entre número de posições relativizadas na HA e facilidade do processamento de informação. O âmbito funcional, em que se estabelece o objetivo deste trabalho, põe-no mais em consonância com esse trabalho mais especulativo de Kato (1981), que, por associar as estratégias de relativização com princípios cognitivos de processamento de informações (cf. KATO, 1981), defende motivações mais funcionais que formais para as ORs.

De acordo com essas posições teóricas, seria um processo muito mais natural, também na aquisição dos primeiros estágios da escrita, que as crianças utilizassem as variantes não padrão, cortadora e copiadora. A estratégia padrão, especialmente a regida por preposição ou *pied-piping*, seria a novidade e, portanto, a única a ser de fato adquirida no processo escolar, por não fazer parte do inventário de construções conhecidas pelos escreventes.

As evidências psicolinguísticas de aquisição da linguagem (KATO, 1981; PERRONI, 2001; KENEDY, 2007) reforçam a hipótese de que há uma relação significativa entre a escolha das estratégias de relativização usadas por crianças em fase de aquisição de escrita e a função sintática suscetível de relativização da HA de Keenan e Comrie (1977). Espera-se, portanto, que, na aquisição de escrita, a criança já disponha, ao menos num primeiro momento, das estratégias não padrão, de lacuna ou cortadora e de retenção pronominal ou copiadora, pelo menos para as ORs situadas nos graus mais baixos da HA de Keenan e Comrie (1977), como objeto indireto, oblíquo e genitivo.

## **Material de análise e procedimentos metodológicos**

Adotamos neste trabalho um enfoque essencialmente empírico, mediante o qual os dados coletados serão submetidos ao tratamento teórico mais apropriado, o funcional e o sociointeracional. Esse tratamento explicitamente indutivo dos dados é, além de uma imposição teórica, uma imposição metodológica, já que procuramos, neste trabalho, descobrir os processos que regem a aquisição de ORs na escrita, em termos de acessibilidade. Assim, é necessário partir dos dados para se chegar a generalizações confiáveis como resultado.

Este trabalho utiliza como *cópus* de análise textos escritos, coletados entre 2001 e 2004 pelo Grupo de Pesquisa *Estudos sobre a Linguagem* (GPEL/CNPq), coordenado por Chacon (2001-2004), em duas escolas municipais de São José do Rio Preto: E.M.E.F. Wilson Romano Calil e E.M.E.F. Dr. João Jorge Sabino. O banco de dados conta com 55 propostas de produção textual diferentes, que geraram aproximadamente 2500 enunciados escritos de 130 crianças em fases diferentes de aquisição de escrita (CAPRISTANO, 2007).

O desenvolvimento da pesquisa de doutorado requereu a seleção das ocorrências de relativas restritivas e não restritivas de 14 alunos, sendo 8 da escola João Jorge Sabino e 6 da escola Wilson Romano Calil. Esses alunos participaram da coleta durante os quatro anos do projeto e compuseram, no mínimo, 49 textos (ou seja, 90% do total das propostas) ao longo desse período. Esses fatores são os mais decisivos na escolha dos textos por permitirem um estudo longitudinal mais efetivo. Esses alunos participaram dos quatro anos da coleta e produziram textos com a maior parte das propostas; por isso, os textos resultantes dão acesso a todo o histórico de desenvolvimento da escrita possível de ser descrito pelo banco de dados. Entre os 130 alunos participantes do projeto, 14 se encaixaram nos parâmetros estabelecidos e seus textos serão alvo desta pesquisa.

A tabela 1 a seguir traz a quantidade de textos produzidos pelos alunos que são utilizados nesta pesquisa.

TEXTOS PRODUZIDOS	ESCOLAS	TEXTOS PROPOSTOS/ ALUNOS	SÉRIE				TOTAL
			1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>	4 <sup>a</sup>	
						<b>14</b>	<b>14</b>
JOÃO JORGE SABINO	AGS		12	13	12	14	<b>51</b>
	CAMB		12	13	11	13	<b>49</b>
	IAD		14	11	11	13	<b>49</b>
	JVRS		13	14	12	14	<b>53</b>
	MCB		13	13	12	13	<b>51</b>
	NACS		14	11	12	12	<b>49</b>
	PHP		14	14	12	14	<b>54</b>
	WPG		12	14	12	13	<b>51</b>
WILSON ROMANO CALIL	BPM		13	14	11	14	<b>52</b>
	ESP		14	13	12	13	<b>52</b>
	GOM		12	13	12	13	<b>50</b>
	KSA		12	13	11	14	<b>50</b>
	THF		14	14	11	13	<b>52</b>
	VAS		13	12	11	14	<b>50</b>
<b>TOTAL:</b>			<b>182</b>	<b>182</b>	<b>162</b>	<b>187</b>	<b>713</b>

**Tabela 1.** *Textos produzidos pelos alunos*

A leitura da tabela permite perceber que o número final de textos analisados foi 723, distribuídos ao longo dos quatro anos de coleta. Percebemos, também, que nenhum aluno deixou de produzir, numa única série, mais de três textos, o que nos permite, também, ter um panorama seguro quanto ao desenvolvimento do aluno em cada série. Ao final da coleta, temos número suficiente de textos para analisar a ocorrência das relativas.

Quanto à natureza dos dados selecionados, optamos por trabalhar com todas as ocorrências de relativas nucleadas, sendo elas restritivas ou não restritivas. Descartamos, no entanto, os que compunham expressões fixas, como ditados populares e xingamentos, por considerarmos que, nesses casos, o aluno reproduz um modelo da língua e não cria, por assim dizer, uma relativa sua própria.

### **Tendências à acessibilidade das ORs no contexto da aquisição da escrita**

A partir dos 713 textos analisados, foram encontrados 363 dados de relativas. A tabela abaixo ilustra os dados encontrados.

SÉRIE	ESCOLA		TOTAL	
	João Jorge Sabino	Wilson Romano Calil		
1 <sup>a</sup>	Textos	104	78	<b>182</b>
	Dados	24	25	<b>49</b>
	Média	0,23	0,32	<b>0,26</b>
2 <sup>a</sup>	Textos	103	79	<b>182</b>
	Dados	34	42	<b>76</b>
	Média	0,33	0,53	<b>0,41</b>
3 <sup>a</sup>	Textos	94	68	<b>162</b>
	Dados	57	51	<b>108</b>
	Média	0,6	0,75	<b>0,66</b>
4 <sup>a</sup>	Textos	106	81	<b>187</b>
	Dados	56	74	<b>130</b>
	Média	0,52	0,91	<b>0,69</b>
TOTAL	Textos:	<b>407</b>	<b>306</b>	<b>713</b>
	Dados:	<b>171</b>	<b>192</b>	<b>363</b>
	Média:	<b>0,4</b>	<b>0,6</b>	<b>0,5</b>

**Tabela 2.** *Frequência de relativas nos textos do corpus*

A leitura da tabela nos permite perceber a ocorrência de tendências quantitativas muito interessantes. Há, em primeiro lugar, diferenças de frequência entre as escolas. Os alunos da escola Wilson Romano Calil produzem, na média, mais relativas do que os alunos da escola João Jorge Sabino. Nos dados da primeira escola, encontramos uma média de 0,4 dados por texto, enquanto nos dados da segunda, 0,6. A explicação para esse fenômeno encontra-se, possivelmente, em fatores extralinguísticos.

Em segundo lugar, apesar da diferença entre as escolas, observamos, como uma tendência geral, que a frequência de relativas aumenta na 4<sup>a</sup> série, em comparação com a 1<sup>a</sup>. De fato, na escola João Jorge Sabino, a frequência média é quase duas vezes maior na 4<sup>a</sup> série, número que chega mesmo a triplicar na escola Wilson Romano Calil; no geral, a frequência de relativas na quarta série é duas vezes e meia maior na quarta série do que na primeira.

Nas séries intermediárias, 2ª e 3ª, acontece fenômeno interessante: na escola João Jorge Sabino, a quantidade de relativas aumenta da 1ª para a 2ª série (0,23-0,33) e da 2ª para a 3ª série (0,33-0,6), mas diminui na comparação entre 3ª e 4ª série (0,52); enquanto na escola Wilson Romano Calil, há um aumento progressivo (0,32-0,53-0,75-0,91), chegando, na quarta série, a quase um dado de relativa por texto. A oscilação de frequência nas 3ª e 4ª séries da escola João Jorge Sabino não configura um retrocesso na aquisição da construção. Explicações possíveis podem ser encontradas tanto em fatores extralinguísticos quanto em fatores linguísticos. Por um lado, o gênero textual pode influenciar as escolhas morfossintáticas dos alunos, favorecendo ou desfavorecendo o aparecimento das relativas. Por outro lado, a orientação do pesquisador durante a coleta, assim como a expectativa do aluno em relação ao seu próprio texto, podem influenciar as escolhas lexicais, morfossintáticas e até semânticas que os alunos fazem.

Se considerarmos a média de relativas por texto, temos uma baixa incidência, como mostra o índice de 0,5. Isso significa que, a cada dois textos escritos, há apenas uma ocorrência de relativa. Esses dados nos dão evidências reveladoras. Podemos perceber, em primeiro lugar, que o número de relativas, mesmo na quarta-série, ainda é baixo, menos de uma por texto, fato que aponta para um percurso ainda incipiente do processo de aquisição. Em segundo lugar, há uma tendência para um uso progressivamente crescente de uso da construção com o passar dos anos: a frequência aumenta na última série analisada, em relação à primeira, revelando um estágio ainda inicial de aquisição.

### **Estratégias de relativização**

As ocorrências encontradas neste trabalho revelam que as crianças em fase de aquisição de escrita utilizam quase que exclusivamente a estratégia de lacuna. Dos 363 dados encontrados, 360, correspondente a 99,1%, são relativizações por meio dessa estratégia, havendo apenas uma ocorrência de pronome relativo e duas de retenção pronominal, correspondendo a 0,3% e 0,6% dos dados. Não houve nenhum caso da estratégia de encaimento de preposição.

De fato, a expectativa era de que a maioria das relativas aparecesse sob a forma de lacuna, uma vez que essa é a estratégia principal para as funções de sujeito e objeto direto, mais acessíveis à relativização. O que tivemos como resultado, no entanto, aponta para um

uso quase exclusivo da estratégia de lacuna no processo de relativização, inclusive para funções mais baixas da HA.

A estratégia de lacuna foi utilizada indiferentemente na relativização de sujeito (11), de objeto (12), de oblíquo (13) e de genitivo (14):

11. S  
ERA UM VEIS UM RATO **QUE MORAVA NO CANPO.** (PHP, 1<sup>a</sup>, 5)
12. OD  
*Adorei o **teatrinho que vocês fizeram.***  
(KSA, 1<sup>a</sup>, 14)
13. OBL  
*Ai ele tinha um amigo que **tinha aquele supereroi que ele era fam** ai estava passando um filme da aranha...*  
(CAMB, 4<sup>a</sup>, 9)
14. GEN  
*Certa vez, eu foi nuna **escola que na cabeça dos alunos tinha um monte de piolho,** (...)*  
(BPM, 4<sup>a</sup>, 10)

Camacho (inédito), ao se deparar com resultado semelhante, afirma que há motivações funcionais para o uso preferencial da estratégia de lacuna. Segundo o autor, as relativas de lacuna ou cortadoras representariam uma extrapolação dessa estratégia para as posições mais baixas da HA, por serem usadas para sujeito e objeto, as duas posições mais acessíveis à relativização. O uso de lacuna nas funções mais baixas representa uma aproximação formal entre construções que relativizam diferentes funções sintáticas. O autor também afirma que essa extensão também pode ser explicada pela baixa incidência das copiadoras (ou seja, as relativas de retenção pronominal com pronomes-lembrança). Ainda que essa estratégia seja potencialmente mais eficaz do que a de pronome relativo, em termos de compreensão cognitiva, o estigma social que ela veicula bloqueia seu uso em favor da estratégia de lacuna.

De fato, no corpus analisado, foi extremamente baixa a incidência de relativa com retenção pronominal; na realidade, houve apenas duas ocorrências. Vejamos uma delas:

15. *Era uma vez um homem que estava loquinho da cabeça por aquela **mulher que estava apaixonado por ela** epenssou em levar ea para pacear de carro em algum dia em um restaurante (...)*  
(THF, 4ª, 10)

Esse exemplo inclui duas relativas: uma de sujeito e uma de oblíquo. No primeiro caso, a estratégia utilizada é a de lacuna; além de ser a estratégia padrão para a posição, o uso da estratégia de retenção pronominal na primeira ocorrência não é esperada, já que a função de sujeito é facilmente recuperada.

Já segunda ocorrência, no entanto, tem como estratégia selecionada exatamente a de retenção pronominal, por se tratar de um referente mais difícil de recuperar cognitivamente. O antecedente da segunda ocorrência – *mulher* – é o complemento do adjetivo *loquinho da cabeça* da primeira OR; a ausência da informação reiterada pelo pronome-lembrado, poderia ativar um caso de ambiguidade referencial. Portanto, além da dificuldade cognitiva que traz relativizar a posição de oblíquo, a ocorrência da estratégia de retenção pronominal ocorre, ainda, num contexto complexo, que ativa a possibilidade de ambiguidade de referente.

Cabe ainda observar que a segunda oração atua como um adendo que a criança sente a necessidade de incorporar para reiterar a informação ao construir o referente de *homem*. Mesmo assim, *por ela* estabelece uma relação anafórica com o SN *aquela mulher*, como se a criança desejasse ampliar, portanto, as chances do destinatário de recuperar cabalmente a referência construída.

O único caso de relativa de pronome relativo pode ser encontrado em (16):

16. OBL  
*Na cidade de que aconteceu o acidente* chama-se São Paulo (AGS, 2ª, 14)

Percebemos, neste exemplo, que a criança procede a uma relativização de oblíquo e, ao fazê-lo, marca essa função sintática por meio do uso da preposição *de*. A preposição escolhida não é, de fato, a regida. Podemos notar, entretanto, que a criança constrói uma relativa de oblíquo com função semântica Locativo; tanto é verdade que ela usa a preposição *em*, a esperada segundo a norma-padrão, antes do referente *cidade*. Esse uso de preposição, mesmo que em desacordo com as convenções normativas, aponta para um reconhecimento da estratégia de pronome relativo pela criança. No mesmo texto, em

seguida, a mesma criança constrói outra relativa de oblíquo Locativo, agora por meio da estratégia de lacuna:

#### 17. OBL

*A rodovia que aconteceu Rodrigo lima Santos Balsanufe (AGS, 2<sup>a</sup>14)*

Essa oscilação, no mesmo texto, de estratégias diferentes em contextos semelhantes aponta para um reconhecimento da diversidade dos tipos pela aluna, mesmo que esse reconhecimento não reflita o uso efetivo de todas as estratégias nos textos subsequentes.

É interessante notar que tanto o caso de pronome relativo quanto o de retenção pronominal constituem casos de relativas restritivas, o que, de fato, ocorreu com a maioria das construções com lacuna. Observe a tabela a seguir.

TIPO DE MODIFICAÇÃO	ESTRATÉGIA		
	Lacuna	Pronome relativo	Retenção pronominal
Restritiva	340 93,6%	1 0,3%	2 0,6%
Não restritiva	20 5.5%	0	0
Total	360 99,1%	1 0,3%	2 0,6%

**Tabela 3.** *Relação entre o tipo de modificação e a estratégia de relativização*

A leitura da tabela nos permite afirmar que, das 360 relativas construídas por meio de lacuna, 93,6% delas são relativas restritivas. De fato, a relação entre restritivas e não restritivas é de uma proporção de 343 para 20, respectivamente; em termos percentuais, 94,5% e 5,5%. A explicação para o número absoluto de relativas não restritivas ser de lacuna reside no fato de que todas elas são de sujeito.

#### **Considerações finais**

Os dados analisados neste trabalho apontam tendências para a aquisição das relativas na escrita. Em primeiro lugar, os dados de relativa duplicaram na última série da escola João Jorge Sabino em comparação à primeira, sendo que os alunos da escola Wilson Romano Calil chegaram a triplicar a frequência na última série. Ainda assim, ao considerar

a média por texto, detecta-se uma baixa incidência da construção, com apenas um dado a cada dois textos escritos pelas crianças, em média. Essa baixa ocorrência, ao mesmo tempo que evidencia um percurso ainda iniciante no processo de aquisição, não pressupõe o equívoco de afirmar que os alunos não têm competência ainda no manejo da construção. Lidar com textos produzidos em contexto formal implica o desconhecimento da produção real dos alunos em situação natural. O fato é que, ao final, do quarto ano de escolarização, todos os alunos manifestam algum uso de relativas, aplicando-as, no mínimo, às posições de sujeito e objeto direto.

Em relação às estratégias de relativização, ao contrário do esperado, a de retenção de pronome é pouco recorrente na relativização de posições mais baixas da hierarquia. A estratégia principal utilizada para a relativização dessas funções foi a de lacuna, a mesma das posições de sujeito e objeto direto, e a mais opaca de todas, uma vez que ela não marca a relação gramatical do núcleo na OR e, portanto, é menos explícita.

### **Referências Bibliográficas**

CAMACHO, Roberto Gomes. Transparência e opacidade na seleção de estratégias de relativização no português. *Linguística*. vol. 27, 2012, p. 47-76..

\_\_\_\_\_. Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, 15(1), 2014, p. 179-214.

\_\_\_\_\_. *Orações relativas no contexto da lusofonia*. Inédito.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. *Banco de dados de textos escritos do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a linguagem*, 2004.

\_\_\_\_\_. *Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COMRIE, Bernard. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Blackwell, 1989.

CRISTOFARO, Sonia. *Subordination*. Oxford: University Press. 2003.

DIK, Simon. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. 2 ed., by K. Hengeveld. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter. 1997.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins. 1990.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan. *Functional Discourse Grammar: a Typologically-based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press. 2008.

KATO, Mary. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *Estudos Linguísticos* (V Anais de Seminários do GEL). São Paulo, 1981, p. 1-16.

KEENAN, Edward; COMRIE, Bernard. Noun phrase accessibility and universal grammar. *Linguistic Inquiry*, 8. 1977, p. 63-99.

KEENAN, Edward. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language typology and syntactic description*, v.2. Cambridge: University Press. 1985.

KENEDY, E. *A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas*. 237f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, 2007.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderleia Roberta. Flutuação e gramaticalização no paradigma dos jutores em português: forma, significado e história de *(na) hora que*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 13(1), 2011. p. 147-166.

PERRONI, Maria Cecília. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *Delta*, 17, 1, 2001, p. 59-79.

TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. University of Pennsylvania, PhD Dissertation, 1983.